

Contornos paradigmáticos da espiritualidade de George MacDonald

Paradigmatics contours of George MacDonald's spirituality

*Alexandre Freire Duarte**

Resumo: A espiritualidade de George MacDonald, tal como se encontra patenteada nos seus “*Sermões não pronunciados*” (e noutras obras que para estes, e destes, dimanam), orbita três polos fundamentais: o Deus-Amor que incendeia o que no sujeito é desamor; este mesmo sujeito que precisa deixar de estimar a pele do seu “ego” para passar a viver a partir do seu “eu”; e, enfim, os “demais” que, vindo até ao sujeito em todas as mais imponderáveis circunstâncias, são fundamentais para que se possa operar tal transformação só possível pelo amor filial e fraterno. Alicerçada nas inter-relações entre estes três polos, surgem questões tão importantes para a espiritualidade cristã (e católica) como: a entrega à Cruz; o papel da *secura sensitiva*; a solidariedade soteriológica; o amor e o perdão (de Deus e do sujeito, quer para com Este, quer para com os demais) que supera a justiça retributiva; a entrega ao momento presente; a entrega co(m)-participativa à providência divina; a configuração com Cristo; e a obediência amorosa.

Palavras-chave: George MacDonald; Sermões não pronunciadas; Espiritualidade; Amor.

* Doutor em Teologia pela Universidad Pontificia Comillas (Madrid); especialista em Teologia espiritual e mística; docente na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Porto e Braga) e no Centro de Cultura Católica do Porto. Faculdade de Teologia Universidade Católica Portuguesa, Rua Diogo Botelho, 1327, 4169-005, Porto, Portugal, email: afduarte@porto.ucp.pt

Abstract: The spirituality of George MacDonald, as is patented in its “unuttered Sermons” (and other works and of these emanate), orbiting three main poles: the God-Love that ignites what for the subject is unloving; the same guy who needs help to estimate the skin of his “ego” to move to live from his “I”; and finally, the “other” that come to the subject in all the most imponderable circumstances, are fundamentals so that you can operate such transformation made possible only by the filial and fraternal love. Founded the interrelationships between these three poles, questions arise as important for Christian spirituality (and Catholic) as the delivery to the Cross; the role of sensory dryness; the salvific solidarity; love and forgiveness (of God and subject to either with this or towards others) that overcomes the retributive justice; delivery to the present moment; delivery to divine providence; the configuration with Christ; and loving obedience.

Keywords: Unspoken sermons; Spirituality; Love.

Introdução

Quando, entre os anos de 2013 e 2015, tivemos a oportunidade de escrever artigos semanais, para o semanário da Diocese do Porto em Portugal – de seu nome *Voz Portucalense* –, acerca das principais obras de espiritualidade cristã, uma pergunta que frequentemente nos colocavam era: “*De todos estes livros, qual aquele único que me aconselhava?*” A uma questão como esta é, mesmo que não enveredemos por tentativas de auto-resguardo apologético, sempre impossível dar uma réplica, particularmente porque cada pessoa é diferente e cada etapa da vida é diversa, donde não há nenhuma possibilidade de nos defendermos com respostas-padrão. De todos os modos, não poucas vezes – naquelas ocasiões em que, conhecendo relativamente bem quem nos interpelava, dávamos algum do nosso tempo a procurar a menos infeliz e displicente das respostas

possíveis – acabávamos a ter que admitir que, entre os livros que íamos apresentando, não haveria nenhum melhor para ser lido do que “*Sermões não pronunciados*” (1867-1889) de George MacDonald (1824-1905).

Havendo contactado com o notável legado desta obra – bem como com a sua profunda habilidade em mexer, quase encantatoriamente e sem qualquer moderação de movimentações, com os nossos (i)móveis teológicos –, este estudo também surge de uma tentativa de debelar uma indelével convicção que tal convivência, de intensidade agitadora, nos deixou. Tal convicção é, depois de uma aturada ponderação que contudo nos chegava em vagalhões de palavras impossíveis de agregar, de fácil enunciação: será sempre uma imensa perda se, como cristãos e até como católicos, nos resignarmos a continuar a ignorar a beleza, a profundidade, o rigor e o prodígio da sua mensagem espiritual. Assim sendo – e apesar de no passado já termos tido a oportunidade, e a felicidade nada aguada, de publicarmos um artigo mais extenso a respeito de um tema particular da mesma – decidimos regressar novamente a “*Sermões não pronunciados*”. E fazê-lo, de modo a apresentarmos – sobretudo a partir de tal texto, mas indo, também e pontualmente, a outras obras de George MacDonald – um esboço da sua proposta espiritual.

Na realidade e com a sua desnudez desfolhada, aquele texto é adequado a tal intento por duas razões. Por um lado, ele, mesmo na sua especificidade de si incôscia, é a suma de todas as suas demais obras, que mais não são, na nossa opinião, do que refrações, temáticas ou não, das questões que George MacDonald expõe neste. Por outro lado, “*Sermões não pronunciados*” apresenta uma considerável sistematização de alguns dos mais relevantes aspetos da vida espiritual cristã – sistematização essa que, por sinal e em traços gerais, seguiremos neste trabalho. Dissemos, há instantes, “alguns”, e dissemo-lo porque, na realidade e aquém de todo o olhar descorado, tal livro não aborda todos aqueles aspetos. Contudo, uma

vez aduzido isto, é patente que nenhuma obra carece de falar de tudo acerca de um dado tema para ser exemplar no tratamento desse mesmo tema, particularmente quando, como acontece com esta e devido à sua origem enredada, aponta para o que ainda precisaria dizer.

Os textos de George MacDonald – ímpoluto inspirador primordial de autores, bem mais conhecidos, como C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien – não são de leitura fácil. E não o são, não só devido ao vincado e pesado inglês tardo-victoriano em que nos surgem, nem apenas por causa da verbosidade inconformista que manifestam, mas igualmente graças à sua esfusante imaginação, presente, quer nas suas obras de ficção, quer nas suas obras de cariz mais teológico. Esta imaginação, tal como tivemos o ensejo de experimentar, é desinstaladora e, não poucas vezes, suscetível de levar os seus leitores a dizerem algo como: *“Isto é tão estranho que só pode ser verdade; não menos porque o que ele diz parece conseguir expressar o que sempre pensei sem conseguir verbalizar”*.

Esta imediatamente antes referida impressão só é passível de ser receada por quem, vivendo na periferia do seu ser, teme encarar de frente aquilo que é e, sobretudo, Quem o Deus-Amor, sempre cheio de surpresas, é. Para quem não receia a Verdade – que, não sendo senão o que o Amor é, sempre vem até nós fazendo-Se o único caminho seguro para que até Aquele sigamos – dificilmente haverá, fora do contacto com o *“locus”* privilegiado em que tal Verdade Se abreviou (a Bíblia, como é evidente), a possibilidade de uma experiência de leitura espiritual mais extraordinária. Teríamos falhado, sem apelo nem agrado, num dos propósitos acessórios deste estudo se, uma vez chegado ao fim do mesmo, um nosso eventual leitor não tivesse, pelo menos, pressentido o que acabámos de mencionar.

1. O único Deus Vivo e verdadeiro é essencialmente Amor

Pois bem, é importante reter que, para George MacDonald e logo num primeiro passo que podemos dar nesta presente exposição,

o único Deus vivo e verdadeiro – acerca de cuja vida íntima só se pode saber que nada se sabe além do que Ele desejou revelar para elucidar quem é, e deve ser, o ser humano – é essencialmente Amor.¹ Um Amor que, na Sua relação com as criaturas por Si suscitadas num gesto sem réstia de dependência indeslocável, se revela o Seu poder criativo. Aquele que é o amor inexorável que arde,² implacavelmente e até o purificar³ e aperfeiçoar⁴ plenamente, em todo o lugar sagrado que é o coração de cada ser humano e, de modo particular e com tudo o que isso possa comportar de quebradiça consciência de inquietáveis alvoroços, de cada cristão que a Ele se entrega.

Naquilo que, para o nosso autor, é o começo de toda a sabedoria espiritual⁵ quando se o reconhece, não há nenhuma possibilidade de fuga do amor desse Amor⁶ – cuja intensidade é diretamente proporcional à distância que separa da Sua fonte⁷ –, particularmente porque o mesmo configura o que cada sujeito é numa sua autenticidade lavrada na, enigmática e escatológica, pedra branca que nos é dada a conhecer no *“Livro do Apocalipse”*.⁸ Aquela pedra do amor misterioso que contém, por um lado, o segredo da sua irreiterável⁹ pessoa, e, por outro lado, do próprio Deus que a lavrou.¹⁰ Eis aqui porque não deve haver qualquer comparação entre seres humanos.¹¹ Todos são distintos, sem dúvida, mas, dito isto, é devido ter em conta duas evidências que se harmonizam numa quietude sem fim. Por um lado, a distinção não é para a individualização isolante, mas para

¹ MACDONALD, G. Unspoken Sermons, p. 219.

² *Ibidem*, p. 32.

³ *Ibidem*, p. 28.

⁴ *Ibidem*, p. 378.

⁵ *Ibidem*, p. 27s.

⁶ *Ibidem*, p. 32.

⁷ *Ibidem*, p. 219.

⁸ *Ibidem*, p. 57.

⁹ *Ibidem*, p. 59.

¹⁰ *Ibidem*, p. 60.

¹¹ *Ibidem*, p. 61.

uma unidade no amor em que, a não ser que se enverede por um logro clamoroso, é totalmente irrealizável onde não há diferença.¹² Por outro, todos os seres humanos estão a uma igualmente infinita distância do Deus que desce – não com uma condescendência paternalista, mas com outra persistentemente deferente – até qualquer e todo ser humano, naquilo que configura uma norma, tão essencial quanto usualmente ignorada, da vida espiritual. Em concreto: para Deus sobe-se descendo-se humildemente até à resposta única que Deus tem para cada pessoa a respeito da sua identidade mais essencial; aquela na qual só Ele, por vezes através de penosas inflexões amorosas de rumo, pode entrar.¹³ Mais: descendo-se, igualmente, para aquela resposta que cada sujeito tem para dar ao próprio Deus, abrindo, desse modo, uma faceta única de Deus. Uma que só ele, mesmo que inadvertida ou nebulosamente, conhece¹⁴ e, quando nunca mais pensar numa alegria que não lhe advenha senão por Deus e pelos demais,¹⁵ poderá dar a conhecer a estoutros.¹⁶ A estoutros cuja felicidade, no fundo, é o que, ao ser refletida no sujeito através do atravessar o diáfano coração de Deus, forma a consciência desse mesmo sujeito, que se fosse o mero o resultado de uma autocontemplação seria tão falsa como água feita com moléculas com dois átomos de hidrogénio.¹⁷

Esta incontornável verdade espiritual é tão particularmente delicada como uma chama gelada. E é-o, pois todo o sujeito que, errando pelos horizontes espoletados da sua voluntária orfandade espiritual, ainda se entrega aos afetos do seu “ego” está, continuamente, a buscar uma originalidade exterior. Uma que, distinta da autenticidade radical do seu “eu” em perene ligação espiritual com

Deus, o demarca dos demais por aquela comparação que não deve jamais existir. Uma originalidade que Jesus, sempre deixando-Se ser varrido pela simpatia com os demais, nunca buscou,¹⁸ pois toda a Sua vida foi um fazer, a jeito humano e mesmo nos Seus milagres,¹⁹ aquilo que via o Pai fazer.²⁰ Ser cristão e viver uma espiritualidade cristã fecunda não pode ser, por conseguinte, senão um procurar, não a originalidade extrínseca, mas uma imitação mística do amor do seu Senhor prodigamente derramado da Cruz e nos Sacramentos. Com efeito e para MacDonald, é em Jesus – a continuamente desvelante revelação de Deus,²¹ em Quem não se encontra o mais pequeno *fiat* criativo que contradiga os do Pai²² –, e não na Bíblia (que apenas leva até Jesus), que o cristão deve encontrar o modelo da sua existência.²³ Num Jesus que, ao longo de toda a Sua vida, jamais Se entregou a verdades insuladas ou atos destituídos, antes valorizando os comportamentos que brotam do coração, mostrando, dessa forma, que a Sua preocupação não era, nem por noções acerca de “belas realidades”, nem por “boas ações”²⁴ – e quase que nada há de mais perigoso do que querer fazer “boas ações”, pois estas deixam instantaneamente de o ser se nelas se puser o mais pequeno vestígio de amor-próprio.²⁵ A Sua única preocupação era fazer a vontade do Pai, através da salvação das pessoas em quem, e a partir de quem aquelas “belas realidades” e “boas ações” poderiam surgir.²⁶ Eis o que O levou, numa total Auto-abnegação que é a única resposta possível ao Amor Auto-existente,²⁷ a uma Cruz em

¹⁸ *Ibidem*, p. 95.

¹⁹ *Ibidem*, p. 171.

²⁰ *Ibidem*, p. 73.

²¹ *Ibidem*, p. 35.

²² *Ibidem*, p. 73.

²³ *Ibidem*, p. 35.

²⁴ *Ibidem*, p. 126.

²⁵ *Ibidem*, p. 93.

²⁶ *Ibidem*, p. 126.

²⁷ *Ibidem*, p. 400.

¹² *Ibidem*, p. 206.

¹³ *Ibidem*, p. 61.

¹⁴ *Ibidem*, p. 60.

¹⁵ *Ibidem*, p. 392.

¹⁶ *Ibidem*, p. 408.

¹⁷ *Ibidem*, p. 392.

que realizou, no temporal inglório do tempo, o que sempre fizera na bonança gloriosa da eternidade.²⁸

Se assim é – e o nosso pensador não tem qualquer dúvida dessedentada a esse respeito –, não há como fugir da Cruz. Quer dizer: não basta sequer, ao sujeito e em cada dia, carregar a sua cruz; ele precisa segui-Lo com ela até à Sua Cruz,²⁹ que sintetiza todas as Suas lutas no ser humano até que este morra tal como Ele morreu³⁰ (dando a vida). Essa Cruz na qual, por derradeiros e nunca apenas indignos fiapos de história, convergem todos os sofrimentos decorrentes do amor de que não se deve jamais furtar e, ao mesmo tempo, os obstáculos a esse amor que precisam de ser purificados e eliminados até que desapareça o mais pequeno átomo de ego-centrismo assentido.³¹ E sejam-no, seja nesta vida incarnada neste Universo – o que é raro que aconteça, mesmo no maior dos santos –, seja numa futurível ablução derradeira, de lágrimas de compaixão e de lamentação amorosas, aquando do encontro definitivo com Deus, com os demais e até com todo o Universo.³²

A Cruz, com efeito, deve acordar a percepção espiritual do crente para o facto de que não é inadmissível, em circunstância alguma, pensar que os sofrimentos de Cristo naquela eram menores apenas por Ele ser maior. Não: quão maior a sensibilidade amorosa, maior a apreensão das resistências a tal amor que, face aos ídolos humanos das oportunidades e das eficácias cínicas, Lhe fizeram perder a percepção sensorial da presença do Pai. Na Cruz, esmagado pelo desamor que – incansavelmente, mas sem qualquer possibilidade de, em última análise, ser bem-sucedido – deseja sepultar o amor, Cristo Jesus – quase reduzido a uma condição meramente criatural em que, sentindo-Se sozinho, já não consegue pronunciar “*Abba*”,

mas apenas “*Eli, Eli*” – entrega-Se totalmente ao Pai. A um Pai que como que Se retirou para que, não mais os sentimentos corporais naturais, mas a vontade nua de Jesus se elevasse até Si.³³ E fizesse-o, congregando – nessa ascensão que desferrolhou todos os abismos do mal padecido e (ou) infligido – todos os gritos de dor, de solidão e de incompreensão proferidos ao logo de toda a história por todas as ovelhas perdidas que não conseguem acreditar que Deus é Pai.³⁴ Congregando-os e (e)levando-os, com a Sua ressurreição, até uma eternidade em que tudo o que não é música só pode ser silêncio.³⁵

2. O problema fundamental da vida cristã

Tendo-se em consideração, mesmo que com uma justaposição intencional, o que acabou de ser dito, constatamos que um problema fundamental na vida espiritual cristã é, por conseguinte, o de se preferir seguir e contemplar a si mesmo, em vez de se seguir e contemplar a Cristo Jesus. O crente que se entrega a tal modo de existência ego-referente é, por um MacDonald sempre desejoso de comutações de sentido, denominado, de um modo tão cru quão elucidativo, de “rastejante”,³⁶ pois em vez de olhar para cima, se limita a olhar para os rastos dos seus próprios sentimentos.

Estes, em si mesmos, não são perniciosos, mas podem, quando absolutizados, converter-se num outro impedimento, indelicadamente ostensivo, para o humilde progresso espiritual do sujeito. Com efeito, reduzir a vida espiritual ao que é, ou não, sentido, é ignorar, pálida e infielmente, que o ser humano não vive dos seus sentimentos mais do que vive do pão,³⁷ e que, por isso mesmo, inclusive quando não se sente aquilo em que se ama, crê e espera, isso não significa que a sua vida espiritual morreu ou, então, que esteja para morrer:

²⁸ *Ibidem*, p. 286.

²⁹ *Idem*, *Annals of a Quiet Neighborhood*, p. 2.

³⁰ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 296s.

³¹ *Ibidem*, p. 33.

³² *Ibidem*, p. 285.

³³ *Ibidem*, p. 84.

³⁴ *Ibidem*, p. 86.

³⁵ *Ibidem*, p. 94.

³⁶ *Ibidem*, p. 86.

³⁷ *Ibidem*, p. 74.

ela, mesmo nesse deserto sensível, continua(rá) viva, pois o Deus-Amor está sempre vivo.³⁸ O caso é que quando não se ama, crê e espera senão quando se sente, está-se a ser um triste ser humano e um ainda mais triste cristão, acabando-se a fazer luto ao sentimento corporal ou, pior ainda, entregando-se a veementes esforços, que raíam o absurdo, para os reanimar.³⁹ Triste, incontestavelmente, pois é justamente nesses momentos – em que não sente e que, mais ainda, até se pode ter dúvidas de fé (que são, sempre e segundo o nosso teólogo escocês, toques de Deus nas pessoas honestas⁴⁰) – que, em analogia muito distante do vivido por Cristo Jesus na Cruz, o sujeito, mesmo que não o saiba, tem a sua faculdade volitiva na sua melhor condição espiritual. Aquela que, por desapropriações excêntricas, lhe permite abraçar, de modo gratuito e desinteressado e numa comunhão com toda a humanidade, a própria vontade somente amorosa de Deus e, assim e escolhendo aquele “fazer o bem” que é sempre um “amar a alguém”,⁴¹ a Este mesmo.⁴²

Esta noção, retirada de um veraz cofre-forte de tesouros espirituais, de que é na *secura* espiritual que mais o sujeito se pode entregar (e consigo entregar a demais humanidade) a Deus, traz à colação um outro tema caríssimo ao nosso autor: a solidariedade soteriológica humana. Para ele é impossível que alguém possa vir a lograr repousar no seio do Pai até que a Sua paternidade seja totalmente revelada a cada um através do amor deste pelos seus irmãos. Na realidade e em derradeira análise, Deus não pode ser Pai para nós se também não o for para os demais e, ao mesmo tempo (e numa formulação que talvez devesse ser mais intercambiável), se cada um não O viver enquanto Pai destes, não O viverá como seu Pai.⁴³ Neste sentido, George MacDonald vai ao extremo de afirmar que talvez possa haver, em certas circunstâncias quase sem espessura, um mal infinitamente menor no assassinato de alguém do que na recusa de se perdoar a este. De facto e segundo o nosso autor congregacionista,

aquele gesto pode decorrer de um momento tão-somente passageiro de cólera, mas este é sempre uma escolha consciente do coração para negar a dignidade do outro, impedindo a Deus de Se mostrar como Pai infinitamente dignificador.⁴⁴

Isto que acabou de ser dado a conhecer pode parecer excessivo, no entanto traduz uma realidade espiritual capital: ninguém que não esteja disposto a perdoar aos demais pode acreditar que Deus está disposto a, e até deseja perdoar-lhe e, assim, está virtualmente incapaz de O reconhecer como Pai.⁴⁵ Mais: nunca nessa condição – em que um sujeito, sonhando para trás, se recusa a perdoar o irmão (não tanto nas grandes coisas, sempre mais fáceis de perdoar do que nas pequenas, mas nestas⁴⁶) – o perdão divino, sempre primigeniamente oferecido por Deus, pode ser fecundo no coração desse mesmo sujeito. Na realidade, se fosse, o que significaria isso senão que Deus não Se importava com esse facto que obscurece, não só a fraternidade humana, mas igualmente a Sua paternidade?⁴⁷ Todavia, reconhecendo esse facto acerca da sua relação com Deus e com os demais, todo o crente pode: entregar-se à infinita misericórdia do Pai; tornar-se humilde e compassivo; e, especialmente, esperar pela salvação de todos os seus irmãos.⁴⁸

Mas quem é este “outro” ou “irmão” para cada crente? Desde logo e sem qualquer excedente conceptual, é preciso ter bem presente que nunca se deve querer escolhê-lo:⁴⁹ ele deve ser sempre aquele que Deus envia a cada pessoa ao fazer com que esta se cruze com aqueles que, devido ao desamor e às suas consequências, vivem padecendo ou necessitando. Ele é, assim e continuamente, aquele que está ao nosso lado a cada momento, pois – em derradeira análise e mesmo que ele não se sinta assim (porventura devido à cegueira muda do seu orgulho) – cada ser humano é alguém que está a padecer ou a necessitar

³⁸ *Ibidem*, p. 75.

³⁹ *Ibidem*, p. 87.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 241.

⁴¹ *Ibidem*, p. 87.

⁴² *Ibidem*, p. 88.

⁴³ *Ibidem*, p. 94.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 48.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 49.

⁴⁶ *Idem*, *Annals of a Quiet Neighborhood*, p. 63.

⁴⁷ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 49.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 401.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 104.

de algo. Espiritualmente falando e ainda na linha do apontado no parágrafo precedente, este cruzar de liberdades – a do sujeito e a do “outro” que imputa a responsabilidade activa daquele, convertendo-o no seu “próximo” – é o que permite que cada um encontre a chave de saída da masmorra do seu “ego”.⁵⁰ Aquele “ego” que, sem nunca querer demandar pelo silêncio da sua voz, prende o sujeito a tudo aquilo a que, este não se conseguindo libertar, é menos do que ele mesmo.⁵¹ Quer dizer, tal intersecção de liberdades é o que permite que o sujeito encontre o amor ao seu irmão,⁵² independentemente deste o considerar como seu irmão. Encontramos aqui aquele amor que brota em, e de nós como nossa salvação e que, embora seja uma alegria espiritual só comparável à do amor a Deus, não é identificável com um qualquer sentimento mais ou menos volátil. E não o é, pois não é senão um querer (sempre a ter que ser levado à prática) aquele que é o verídico e benéfico querer do amado – e isto é verdade mesmo para o amor de Deus para conosco: “*mulher, grande é a tua fé! Que seja feito conforme queres*” (Mt. 15,28).⁵³ Note-se, porém, que se tal amor deve levar a que cada um reverencie o “outro” como filho de Deus, não deve, em circunstância alguma, levar que aquele diga “sim” às mentiras e ilusões em que este acredita, porquanto estas, sejam proferidas por quem quer que seja, nunca têm a sua origem, nem a sua meta em Deus.⁵⁴ Afirmado isto, só podemos desabafar que felizmente há o perdão.

Fundamental, assim, é compreender que ninguém nasce para praticar a justiça face ao outro – não menos porque a mera justiça é uma impossibilidade, dado que se converteria sempre em injustiça –, mas para viver o amor que excede a justiça, ao levá-la, tal como Deus

realizou modelarmente na Cruz, ao amor maior no perdão.⁵⁵ Isto é, ao dom pleno e insuperável que impede que vivamos de um modo que destruísse a nossa mais radical *raison d'être*. O amor aos demais é, por conseguinte e além das inevitáveis conchas das palavras, a lei – e até a estrutura essencial – da condição humana.⁵⁶ É aquele amor que, brotando daquele perdão divino – que precede inclusive a criação, mas que só esquece os pecados depois de termos querido que eles nos sejam perdoados⁵⁷ (pois o único pecado imperdoável é o que não queremos que seja perdoado⁵⁸) –, permite, por um lado, a cada sujeito ser e viver a sua autenticidade, e, por outro lado, ao Deus único e verdadeiro ser, para si e para os demais, o Deus que não é senão Amor.

3. Tudo é possível com Deus o que não significa que tudo seja fácil

Esta lei do amor, baseada não no esforço mas no próprio amor⁵⁹ que desconhece as raízes da ironia, não é fácil. De modo algum: tudo é possível com Deus, mas isso, sem ruínas retóricas, não significa que tudo seja fácil.⁶⁰ Que ninguém pense – sob pena de acabar a mendigar um amor há muito desprezado por si – que ama, e ama verdadeiramente, a muitas pessoas. Amar, sob qualquer prisma de motivos essenciais, é a realidade mais exigente que existe, pois só se ama genuinamente amando-se como ama o Deus-Amor. Isto é, como ama aquele único verdadeiro Deus que é fácil de agradar – pois, como Pai, apraz-Se com todas as tentativas dos Seus filhos –, mas difícil de satisfazer – pois, igualmente como Pai, só se contenta

⁵⁵ *Ibidem*, p. 110.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 317.

⁵⁷ *Idem*, *Annals of a Quiet Neighborhood*, p. 485.

⁵⁸ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 369.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 132.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 206.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 105.

⁵¹ *Ibidem*, p. 143.

⁵² *Ibidem*, p. 257.

⁵³ *Ibidem*, p. 183.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 356.

com a maturidade espiritual dos Seus filhos.⁶¹ E como é que Ele ama? Pode-se dizer muito sobre isto – e certamente ainda mais –, mas o que nos é dito, por exemplo, no comportamento do inominado samaritano da “Parábola do ‘Bom Samaritano’” é exemplar. A saber: de modo determinado, concreto, desinteressado, excessivo, gratuito, universal, incondicional, sem preconceitos e, enfim, sem quaisquer ponderações racionais sub-humanas. Quer dizer: aquelas que, criando espectros rarefeitos ao espelho, bloqueiam tal amor em catadupas de “ses”, “comos” e “porquês” que, como não se cansa de aduzir George MacDonald, não são senão expressões de uma infundável e (nada) subtil revolta do nosso “ego”.⁶² Uma rebelião – na mole das sombras da vergonha, contra, por um lado, a nossa autenticidade, e, por outro, a nossa vida com Deus (matriz daqueloutra) – conduzida por esse “ego” que, com toda a habilidade de um combatente frouxamente espalhafatoso, seduz o nosso coração para se entregar a discussões e ponderações infundáveis acerca da verdade, impedindo o “eu” de se fazer um amante da Verdade.⁶³

Assim sendo e de acordo com o nosso pensador, também esta lei só “serve” para nos colocar ante os pés de Cristo num reconhecimento radical da nossa fragilidade e impotência.⁶⁴ Isto – note-se, e note-se com atenção aos ténues pulsares do que só implicitamente podemos aqui referir – não é uma humilhação, mas uma humildificação pelo despertar das nossas mentes e coração para o que a presença, sempre ativa, de Deus em nós requer das nossas pessoas. E o que Ele quer de nós também é que admitamos – em parte pelo fracasso, que aponta para o facto de que nunca seremos fortes sem a fragilidade do amor do Deus-Amor que domina, pela bondade, a Sua força (e que é a única que Ele tem para nos dar)⁶⁵ – que os

esforços, e inclusive os mais puros esforços, da nossa vontade não nos levam, sem a Sua ajuda, a amar os demais. Sobretudo aqueles por quem, psicologicamente falando, se tem mais dificuldade em amar e, mais ainda, aqueles que nos consideram seus inimigos, sendo que, porém, o relevante não é estar preocupado com o que eles dão ou não, mas – naquilo que é uma questão de vida ou de morte para cada sujeito – o que a eles se dá ou não.⁶⁶ O fundamental não é que eles nos virem as costas ou não, mas que nunca lhes viremos as nossas.⁶⁷ O decisivo não é sermos por eles amados – pois Deus, Esse e naquela que é a única saudável base da estima que devemos reconhecer de que somos dignos, ama-nos sempre –, mas amá-los.⁶⁸

Daqui decorre, como é fácil de ver, uma outra norma espiritual muitíssimo relevante: só se vive qualquer lei espiritual, pela qual nos devamos orientar e por mais pequena que ela seja, situando-se – ou, pelo menos, tentando-se situar honestamente – acima dessa lei.⁶⁹ Quer dizer, na região que está acima de qualquer lei, porquanto tal região é, toda ela, aquele espírito e vida que fazem essa mesma lei. Essa lei que – sendo matricialmente amor e indo para (a de) o amor (naquilo que leva não só à banalidade da salvação, mas à própria excelência da perfeição amorosa⁷⁰ pela cada vez maior e maior Vida que se recebe⁷¹) – não pode ser explicada à base de “porquês”. E isto, pois não é possível dar-se razões simplesmente humanas para a mais elevada necessidade espiritual da existência divinamente criada, dado que, numa concisão que desejamos que se subtraia a imprecisões, as únicas razões suficientes são sempre descendentes.⁷²

⁶⁶ *Idem*, Unspoken Sermons, p. 186.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 394.

⁶⁸ *Idem*, Phantastes, p. 280.

⁶⁹ *Idem*, Unspoken Sermons, p. 96.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 137s.

⁷¹ *Ibidem*, p. 208.

⁷² *Ibidem*, p. 100.

⁶¹ *Ibidem*, p. 128.

⁶² *Ibidem*, p. 177.

⁶³ *Ibidem*, p. 333.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 96.

⁶⁵ *Idem*, Annals of a Quiet Neighborhood, p. 513.

4. Necessidade de uma genuína vida de oração

Resulta da antes mencionada frustração dos esforços meramente humanos, a necessidade de uma genuína vida de oração; aquela que já é um sinal da oração em espírito e verdade que requiere um espírito de, e uma verdade na, oração. Uma oração já incendiada pelo amor purificante de Deus, que não consume *a nós* se não O orarmos e até O orarmos, mas que consume *connosco* até que tudo em nós tiver desaparecido o que, na nossa oração, for alheio ao amor do Amor que Ele é.⁷³ Na realidade e indo-se agora com MacDonald aos contornos incisivos dos termos, nada do que pode ser abalado permanecerá:⁷⁴ apenas o que é imperecível – por ser mais forte do que a morte ao se identificar com o amor – permanecerá na oração humana. Quer dizer, o fogo do amor divino consumirá, na nossa oração, o que for da esfera do “ego”, até que naquela o Eu divino resplandeça nas suas mais amplas repercussões. Se Deus vir na nossa oração realidades como a ambição, a avidez, a inveja e o ciúme espirituais – mascarados, tantas vezes, pela busca fútil de sensações e pelo desejo do (espiritualmente inalcançável) conforto pelo se saber estar a agir “bem” e a “preceito” – então é porque a nossa oração será isso mesmo, dado que Deus vê as coisas tal como elas são e não como nós cremos que as conseguimos disfarçar.⁷⁵

É manifesto que, como corolário do apresentado, também a frustração na oração pode ser uma bênção para o orante, mas só se for sinal de que ele começou a ver que ela, porventura, não é mais do que aquelas aduzidas realidades – por sinal tão frequentes, quão pouco transitórias, nas nossas vidas espirituais. Neste contexto, se, porventura e por parte do sujeito, o vislumbrar de tais aspetos sombrios da sua pessoa – todos eles expressões do amor-próprio e do orgulho desta – levar a que ele pense que os seus problemas são

tão grandes que não deverá, sequer, tentar apelar a Deus, então isso é, justamente e extaticamente, o sinal necessário de que ele mais pode, e até deve, dirigir-se oracionalmente a Ele.⁷⁶ Todavia as coisas não são tão simples quanto isso; e não o são, pois, comumente, nos esquecemos que a própria oração deve ser sempre encarada como a mais genuína recompensa dela mesma; pois Deus sabe – e nós deveríamos saber – que a oração é aquilo de que mais necessitamos.⁷⁷ E é-o, pois, em todas as densidades específicas que queiramos ponderar, ela não é senão o estarmos intimamente com Deus, naquilo que nos é tão necessário para vivermos como o ar – espiritualmente num caso, biologicamente no outro.⁷⁸ Nós poderemos, quando em verdadeira oração de petição, receber o que pedimos – sabendo-se que se pedirmos “pão”, Deus não nos dará “pedras”⁷⁹ –, mas o recebermos isso não é a meta que Deus tem em mente para a nossa oração – não menos porque Ele poderia, em teoria e no que concerne às nossas necessidades mais elementares, dar-nos tudo sem Lho pedirmos. Tal meta, que Ele nunca ostentou flagrantemente, é levar-nos a sentar, como filhos, nos Seus joelhos,⁸⁰ sabendo-se – sem que isso se converta no móbil das nossas ações – que quem busca o regaço do Pai mais do que qualquer coisa, terá, não só o Pai,⁸¹ mas igualmente – nesse mesmo regaço, eternamente disponível, e de acordo como o modo como Deus as faz⁸² – todas as coisas compatíveis com o amor mais perfeito.

Do apresentado antes decorre, para o nosso pensador, a razão pela qual Deus, frequentemente e porque sabe que precisa de em tudo começar a laborar a partir das zonas do nosso ser menos

⁷⁶ *Ibidem*, p. 155.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 166.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 154.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 178.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 166.

⁸¹ *Ibidem*, p. 178.

⁸² *Ibidem*, p. 144.

⁷³ *Ibidem*, p. 26.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 31.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 65.

diáfanas a Si,⁸³ suspende a nossa percepção da, já em movimento, entrega daquilo que nós Lhe pedimos sempre que pedimos o melhor na esfera do amor (aquilo que Ele, no fundo, só nos pode dar). Em concreto: para alimentar em nós – mesmo sabendo que poderemos acabar por fazê-lo egoisticamente (e, assim, precisando de sermos purificados pela aduzida frustração oracional que só inquieta quem, infelizmente, não está acostumado a viver inquietado pela graça divina) – o desejo da oração.⁸⁴

Seja como for, para MacDonald, a apontada oração verdadeira – a que fazemos, eventualmente sem pensarmos que a estamos a fazer, nos joelhos paternos de Deus – é aquela que lança raízes no momento presente⁸⁵ do eterno agora.⁸⁶ Aquela que, por conseguinte, liberta o crente da preocupação por todo e qualquer futuro, permitindo-lhe entregar-se, incondicionalmente, no dom de si oferecido na oração a um Deus que, de modo similar, se for encontrado em todos os Seus dons, acabará por ser Aquele em Quem todos os dons serão encontrados.⁸⁷ Na verdade, o “daqui a um minuto” está tanto nas nossas mãos como o “daqui a cem anos”: em nenhum deles podemos fazer o que quer que seja; em ambos Deus está a fazer tudo.⁸⁸ Mas atenção: ao dizer-se – como, seguindo a MacDonald, fizemos – que “Deus está a fazer tudo”, não se está a enveredar por uma qualquer expressão de fatalismo ou determinismo divino. De modo algum: do mesmo modo que Deus está à porta do nosso coração – e até sobre ele pode fazer abater uma tempestade, agitar os seus fundamentos e estilhaçar as suas janelas – sem nunca entrar até ser convidado⁸⁹ – e aqueles tumultos não são senão a expressão

de que deixamos fora de nós um amor que em nós deseja habitar –, Ele não estabelece planos alguns sem ter em consideração os Seus filhos.⁹⁰ Eis, precisamente aqui, um dos sentidos da possibilidade da oração de petição – seja esta de intercessão (que não é senão uma expressão de um amor pelos demais que jamais é impotente⁹¹), ou não –, que, sendo genuinamente amorosa e ego-desinteressada, é sempre a mais efetiva expressão de que, pela graça que se acomoda em nós, se pode interferir amorosamente na providência divina. Uma que não é marmórea, mas incessantemente fluida, a ponto de, para o nosso autor a esgaravatar em regiões de intimidades recônditas, tal influência humana também poder ser essencial para o modo de Deus Se revelar.⁹²

De fato, se, por um lado, o Seu plano para cada um de nós não é distinto do que nós somos, e, pelo outro, Ele deseja que sejamos genuinamente livres e ativos na determinação da nossa existência, então Ele sempre garante que, na matriz da Sua providência, haja nos Seus planos um real espaço para as nossas decisões, sejam estas agradáveis ou custosas para Si.⁹³ Na realidade, como é que poder-se-ia falar na perfeição do Amor que Deus é, se esta perfeição não permitisse a Deus adaptar-se às consequências de que, como já pudemos constatar, amar é fazer a vontade mais verdadeira e benéfica do outro?⁹⁴ Isso seria apenas um sucedâneo da realidade e, mais ainda, da verdade.

5. O ego como o maior obstáculo no crescimento espiritual

Já o fomos vendo, mas agora podemos focar, com outra amplitude, a nossa atenção no maior obstáculo que cada crente encontra

⁸³ *Ibidem*, p. 178.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 178s.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 150.

⁸⁶ *Idem*, Sir Gibbie, p. 6.

⁸⁷ *Idem*, Unspoken Sermons, p. 167.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 150.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 156.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 169.

⁹¹ *Ibidem*, p. 175.

⁹² *Ibidem*, p. 70.

⁹³ *Ibidem*, p. 169.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 170.

para o seu crescimento espiritual: o seu medonho “ego”, do qual, usualmente e por efeitos que no fim quase que se tornam inevitáveis na sua grande proximidade remota, se tem tanto orgulho.⁹⁵ Quer dizer, o seu “eu” encerrado, de modo narcisista e virtualmente auto-desagregador, em si mesmo. Esse “ego” – que, por mais que creiamos o oposto, é a mais perfeita distorção da nossa mais genuína identidade – subsiste alimentando-se da autoestima e da vaidade que impedem uma das duas dinâmicas capitais do amor: a doação – a outra é, não o devemos olvidar, o acolhimento. O “ego” é centrípeto e captativo, impedindo que o sujeito se entregue, num amor sacrificial – isto é, transformador, ou do que não é sagrado em algo sagrado (e só o amor o é), ou, então, do que é menos sagrado em mais sagrado –, aos demais e a Deus. Isto, no que delinea as suas já de si evidentes limitações, bloqueia um progresso espiritual que também tem que passar por o sujeito entregar a Deus, de formas tão díspares quão são díspares as circunstâncias da vida quotidiana, o que é na sua mais radical autenticidade. Se assim é, não há senão como o sujeito, em colaboração sinérgica com o Espírito Santo, tudo tentar para negar o seu “ego” – e, inerentemente, as suas aspirações – enquanto centro determinante da sua existência, até que deixe de ser o regente dos seus afetos, opiniões, decisões, atitudes e comportamentos.⁹⁶ Somente assim é que, com uma flagrância que excede a singularidade, o mesmo deixará de estar obcecado com o “*que devo fazer?*” e passar a viver, com docilidade amorosa às moções daquele mesmo Espírito de Amor, na lógica do “*que deseja Deus que eu faça?*”⁹⁷

O “ego” pode parecer-nos, graça à sua indiscutível força de apego, consciente, mas ele não é o nosso “eu”.⁹⁸ E não o é, pois ele

é opaco ao Deus que é mais para nós do que a própria consciência – correta (se for um reflexo da felicidade dos demais) ou incorretamente (se brotar de uma mera autointrospecção egocêntrica) – que possamos ter de nós. O importante, assim e por mais que se tenha que divagar pelo seu reino ensombrecido até nele resplandecer a Luz, é deixar de consultar o “ego” – *metánoia* – e voltar-se – *epistrefô* – para Aquele cuja ideia é a alma da alma daquele “eu”.⁹⁹ O “eu” que tal “ego”, com estratégias dissimuladoras características, tenta escravizar ao se fazer o objeto da nossa (falsa) adoração,¹⁰⁰ naquilo que configura aquele tipo de “religião” que se caracteriza pelo facto de que quanto mais devoto for o sujeito, menos conversões fará.¹⁰¹ Por outras palavras: o decisivo é relacionar-se, não com o “ego”, mas – através do espírito da (verdadeira) adoração – com a Fonte daquele “eu” que precisa de renascer das cinzas de um “ego” que não é mais do que um simulacro do nosso verdadeiro ser: aquele que – em, e como o de, Cristo Jesus – é totalmente centrífugo e oblato. Deveras, o sujeito pode acumular coisas materiais e psíquicas, mas mal estas entram em contacto com o seu espírito – que não se satisfaz senão com o oferecer o que recebeu – o coração sente-se vazio. Face a isto, o sujeito encontra-se diante duas alternativas perfeitamente contrárias. Ou se entrega à busca, sob diferentes matizes abalanchados e num círculo-vicioso, de mais objetos materiais e psíquicos. Ou, então e num círculo-virtuoso, entrega-se, por um lado e por todas as decisões pascais, a dar-se no que dá – naquilo que é a mais elevada forma de doação¹⁰² –, e, por outro, a apenas buscar alcançar, sem jamais a desejar prender, a Fonte desbordante de todos os dons para a Qual foi criado.¹⁰³ Neste processo não há qualquer possibilidade de um “meio-termo” que albergue mediocridades voluntárias: não

⁹⁹ *Ibidem*, p. 251.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 253.

¹⁰¹ *Idem*, Alec Forbes of Howglen, p. 151.

¹⁰² *Idem*, Unspoken Sermons, p. 167.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 39.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 251.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 249s.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 77.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 189.

se pode pensar que é possível acomodar o “ego” a Cristo de modo a se preservar o que precisa de ser perdido.¹⁰⁴

Aquele que quer vive – mesmo que consciente de um seu desamor que, quando admitido e confessado, se pode converter num fulcro para sua esperança¹⁰⁵ – precisa de deixar de ser escravo e acolher o dom (sempre a precisar de ser converter, de modo enérgico, em tarefa) de se transformar num filho de Deus.¹⁰⁶ Claro que isto, uma vez que ou há moção ou paralisação, implica uma morte – a do “ego” –, mas quem a provar saberá, experiencialmente, que essa morte é melhor do que a vida que até então vivia e conhecia: é uma vida maior e melhor,¹⁰⁷ que mostrará, a quem a receber, que estava morto enquanto recusava morrer.¹⁰⁸

Quando o ser humano logra, deste modo, ver libertada a sua liberdade, ele torna-se semelhante a Cristo na Sua absoluta devoção à vontade do Pai¹⁰⁹ e, assim e só assim, vive a sua verdade que não é, nem pode ser (e conforme já apontámos), outra senão ser alguém cristomórfico. Do mesmo modo que Cristo é o desabrochar da verdadeira humanidade – a ponto de só d’Ele se poder dizer “*Eis o Homem*” (e a verdade é sempre a verdade, seja dita por Balaão, Pilatos ou pelo próprio Jesus¹¹⁰) –, o desabrochar da maior verdade de cada sujeito é Cristo em si.¹¹¹ Assim sendo, o crente passará – segundo um MacDonald que nunca se cansa de referir que Cristo, pelo Seu amor (que nos comunica o Seu Espírito, para podermos ser filhos adotivos do Pai), é a nossa justificação¹¹² – a estar na justa posição ante o Deus de toda a alegria. O Deus-Amor perante Quem só aquele cujo coração,

por mais que se entregue a curvas e contracurvas intelectuais, não O conhece vivencialmente é que tem medo de rir,¹¹³ e de orar, em todas as ocasiões.¹¹⁴ Isto implica, por seu lado e imediatamente, estar na justa posição com todo um demais Universo¹¹⁵ que existe para o ser humano, nunca se esquecendo que, por sua vez, o ser humano existe para – em união com o amor de Cristo Jesus pelo Pai (que é o elemento unitivo metafísico e cósmico¹¹⁶) – elevar consigo o restante Cosmos até à sua meta em Deus-Amor. E isto, graças às criaturas que o constituem conseguirem “reconhecer” que, podendo Deus ser o que amorosamente pretende ser em nós, nós poderemos ser o que amorosamente desejarmos no Universo, pois, nessa ocorrência, nada faremos que não seja pela bondade (e para a bondade) que anula a vaidade que havia escravizado a restante Criação.¹¹⁷

Devido aos considerandos antes anotados, é compreensível, se não formos descuidados, que a espiritualidade cristã é sempre um viver no Caminho que é um Cristo Jesus que não nos veio libertar da injustiça, nem da justiça, mas do sermos injustos.¹¹⁸ Aqui nos deparamos, conseqüentemente, com um Caminho “para fora” e “para dentro”. Em concreto: *para fora* da escravatura, consciente ou inconsciente, do “ego”; e, de seguida, *para dentro* da liberdade. O Caminho que leva do sem-abrigo das coisas que, permeadas pelo “ego”, sabemos que nos apetece, para aquela Casa que, a partir do fundo do nosso ser, queremos mesmo sem o sabermos.¹¹⁹ E isto, não mediante o se dizer que se crê em Cristo e que Ele veio libertar-nos do sofrimento (até porque Ele apenas nos veio libertar do nosso

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 254.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 194.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 190.

¹⁰⁷ *Idem*, *The Golden Key*, p. 71.

¹⁰⁸ *Idem*, *Lilith*, p. 217.

¹⁰⁹ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 286.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 56.

¹¹¹ *Idem*, *Sir Gibbie*, p. 140.

¹¹² *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 184.

¹¹³ *Idem*, *Sir Gibbie*, p. 136.

¹¹⁴ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p.394.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 321s.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 294.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 197.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 328.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 247.

desamor¹²⁰), mas mediante o, depois de acolhermos esta ultimamente aludida libertação, se fazer o que Ele disse.¹²¹

Considerações finais

Viver-se neste contexto é viver-se na lógica da obediência filial, que não é uma mera entrega ao querer de Deus, mas, isso sim, uma entrega ao querer de Deus por Deus e com Deus – não menos porque, em tudo o que o ser humano desejar querer fazer na sua vida espiritual sem Deus, deverá fracassar miseravelmente (ou suceder ainda mais miseravelmente).¹²² Para o nosso autor, obedecer amorosamente não é ser privado da liberdade: é, ao abrir os olhos do coração¹²³ porventura num calafrio espiritual glacialmente ardente, a própria liberdade liberta de tudo aquilo que é oposto ao amor; aquela liberdade que só pode ser abdicada, em nome de um qualquer sucedâneo seu, por quem está demasiado longe de Deus para viver na Sua liberdade que conforma a liberdade dos Seus filhos.¹²⁴ Com efeito, a obediência amorosa – que é tida por MacDonald inclusivamente como a chave para a vida na Vida¹²⁵ – não é senão a outra face da vontade criativa e criadora: a Vontade é a Vontade de Deus; a obediência deve ser a vontade do ser humano; as duas precisam de se unir no amor.¹²⁶ Obedecer-se amorosamente à vontade de Deus – que não é absolutamente distinta do que o nosso “eu” mais autêntico quer quando, liberto do “ego”, se orienta para Deus pelo reorientar todas as suas faculdades ao amor maior e, especialmente, melhor – é começar a viver.¹²⁷ E começar a viver, desde já – e num Cristo Jesus

(e pelo Seu Espírito¹²⁸) que é o rosto da mais perfeita obediência que O fez resplandecer a misericórdia do Pai –, a própria vida eterna.¹²⁹

Mas de que vida eterna é que, de longe e de perto, está MacDonald a falar? Ele não se reporta àquela falsa vida eterna que frequentemente nós temos em mente por quereremos mais a salvação de Deus do que a Deus-nossa-salvação¹³⁰ – uma mera continuidade da existência numa nova-vida por substituição,¹³¹ e que, assim, seria tão insignificante e desprovida de valor como um próprio “inferno” que tem por lema “*eu pertence-me a mim*”.¹³² O nosso autor aponta, ao contrário e com ousadia, para a verdadeira vida eterna, que é – num, e por um amor que diferencia na direta proporção que une – uma vida una com a vida essencial¹³³ – uma sobre-existência numa vida-nova por transformação. Isto, mesmo num nosso tempo em que – para nosso grande mal – a autocracia é exaltada ao máximo expoente, é de tal modo decisivo que, segundo o nosso autor, o sujeito não deve hesitar um instante que seja, motivado pela indagação de uma explicação que torne essa obediência amorosa a Deus racionalmente aceitável por si, antes de se entregar, como Deus pediu, a tal obediência. Adiar esta entrega por tal impolida razão, esplendorosamente inútil do ponto de vista espiritual, seria como protelar a toma de um medicamento prescrito por um médico até se compreender qual a escola terapêutica que melhor justifica essa toma.¹³⁴ Encontramos aqui, justamente neste bloqueio gerador de ostracismos, o motivo de, no parecer do nosso autor, ser fácil encontrar na Igreja pessoas capazes de fazerem tudo por esta e pelos

¹²⁰ *Ibidem*, p. 347.

¹²¹ *Ibidem*, p. 252.

¹²² *Ibidem*, p. 248.

¹²³ *Ibidem*, p. 133.

¹²⁴ *Idem*, What's Mine's Mine, p. 114.

¹²⁵ *Idem*, Unspoken Sermons, p. 160.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 213.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 286.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 359.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 213.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 228.

¹³¹ *Ibidem*, p. 134.

¹³² *Ibidem*, p. 332.

¹³³ *Ibidem*, p. 213.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 356.

objetos das suas devoções, exceto o que Deus realmente deseja: que façam o que Ele deixou claro que quer que seja feito.¹³⁵

Talvez não poucas pessoas honestamente cristãs, diante do que acabou de ser dito, afirmem que o dever espiritual de se viver em obediência filial ou amorosa não é algo imediatamente perceptível. Têm razão, mas para terem ainda mais razão deveriam igualmente reconhecer que, somente em circunstâncias muito raras, aquilo que tem a primazia na realidade é o que nos está mais fácil e diretamente patente.¹³⁶ E não o é, dado que é sempre algo mais alto e mais profundo que aquilo a que, normalmente e também fruto das crostas com que o nosso “ego” cobre os olhos do nosso coração, estamos atentos. Se nascêssemos perfeitos, tal realidade preeminente – que pune o cheiro à terra que se cola a nós sempre que deixamos de recordar as maravilhas que Deus realizou – seria a primeira a vir à nossa consciência. Mas esse não é o caso: nós somos criados perfectíveis, para nos podermos co(m)-criar pelo amor obediente,¹³⁷ o que implica – naquilo que é um risco também para Deus (que Ele aceitou de bom grado para, pelo mesmo poder que nos pode levar a dizer-Lhe “não”, podermos chegar a dizer-Lhe “sim” de um modo mais elevado que de outra forma nos estaria vetado¹³⁸) – a possibilidade de nos descriarmos pelo desamor desobediente. Seja como for, como não surgimos neste mundo já perfeitos, não nos inquietemos se, sendo honestos, nos entregarmos a muitos outros deveres espirituais (e tudo nas nossas vidas diz respeito ao espiritual¹³⁹). Na realidade, por essa(s) entrega(s) honesta(s) acabar-se-á, sempre, por reconhecer que o nosso dever para com Deus é o primordial e fundamental e, inclusive, o fundamento e o primórdio de todos os demais que, até

esse momento, se poderia ter feito sem se vislumbrar esta realidade (e que passarão a ser feitos porque esta os pede).¹⁴⁰

Uma vez isto afirmado, com todo o vigor que tentámos imprimir na síntese do pensamento do nosso teólogo acerca desta temática, tenha-se, porém, sempre paciência¹⁴¹ (para consigo e para com os demais) no processo que é preciso seguir até se chegar a tal constatação: nós estamos a ser criados e recreados.¹⁴² A pressa é sempre inimiga da peregrinação espiritual para a perfeição num amor que precisa de tempo para germinar;¹⁴³ uma caminhada na qual o sujeito deve estar constantemente a tentar estar desapegado de tudo o que não seja aquele amor, inclusive toda a ansiedade pela perfeição. Talvez não nos conheçamos, espiritualmente falando e porventura por estarmos aferrolhados em dinâmicas competitivas que só fortalecem o nosso “ego” meramente biológico, tão bem quanto o necessário para conhecermos esta outra lei dos segredos de amor do nosso coração. Todavia, e por mais que isso seja verdade, não é menos verdade que podemos conhecer Aquele nosso Irmão mais velho¹⁴⁴ que, conhecendo todas as leis de tais segredos,¹⁴⁵ morreu por nós para as sintetizar no “*Pai, se quiseres, afasta de Mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a Tua*” (Lc. 22,42).¹⁴⁶

Bibliografia

- MACDONALD, George. *Phantastes*. Boston: Loring, 1850.
 ——— *The Seabord Parish*. London: Tinsley Brothers, 1868.
 ——— London: Hurst and Blackett, 1880.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 388.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 394.

¹⁴² *Ibidem*, p. 359.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 200.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 251.

¹⁴⁵ *Idem*, *The Seabord Parish*, 197.

¹⁴⁶ *Idem*, *Unspoken Sermons*, p. 394.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 375.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 387.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 198.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 395.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 153.

——— *Alec Forbes of Howglen*. New York; London: George Routledge and Sons, 1890.

——— *What's Mine's Mine*. Kegan Paul, Trench & Company, 1889.

——— *Lilith*. 2. ed. London: Chatto & Windus, 1896.

——— *Annals of a Quiet Neighborhood*. Philadelphia: David McKay, 1911.

——— *The Golden Key*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1967.

——— *Unspoken Sermons*. New York: Cosimo, 2007.

Recebido em: 30/07/2016

Aprovado em: 31/08/201

Encuentro entre la tierra y el cielo en la liberación de los esclavos de Egipto¹

Meeting between land and sky
in the release of the slaves in Egypt

Pablo R. Andiñach*

Extracto: El presente artículo explora la idea de que en el libro del Éxodo se presenta a un Dios que crea un espacio para el encuentro entre la divinidad y su pueblo. Este espacio es un lugar privilegiado al que se accede por la fe en que en la opresión, la angustia y la desesperanza se puede recurrir a un Dios que se muestra sensible a las necesidades de los pobres y oprimidos. Se recorren textos clave como el nacimiento de Moisés, las llamadas “plagas” de Egipto, la revelación del significado del nombre de Dios, y otros. En todos ellos se observa la inclinación del Dios del Israel por quienes sufren opresión y su voluntad liberadora. La aproximación privilegia la lectura literaria y simbólica, buscando describir la dinámica de los personajes y sus funciones en el relato. Al final se esboza la teología bíblica que surge de estas páginas.

Palabras clave: Libro del Éxodo; Hermenéutica; Teología del Antiguo Testamento; Lectura simbólica.

¹ El presente artículo es la conferencia ofrecida en el II Simposio de Teología organizado por la PUC de Sao Paulo; es una ampliación y adaptación de parte de nuestra obra *El Dios que está*. Teología del Antiguo Testamento, Estella, Verbo Divino, 2014.

* Dr. Pablo R. Andiñach, da Pontificia Universidad Católica Argentina. E-mail: andinachp@gmail.com.